

O papel das restrições aspectuais nas relações retóricas: o caso das frases complexas com *quando*

*Luís Filipe Cunha*¹ e *Purificação Silvano*²
Centro de Linguística da Universidade do Porto³

Abstract

In this paper we claim that aspectual properties characterising the situations involved in *when*-clauses play a crucial role in their temporal interpretation. Since the conjunction *quando* ('when') does not impose, by itself, any particular ordering to the eventualities, we argue that it is the interaction between aspectual properties and rhetorical relations that enables us to fully interpret such sentences. We adopt a distinction between extrinsic rhetorical relations – those that are ascribed by default – and intrinsic ones – those that require some strong semantic interdependency – in order to explain the diversity of temporal and interpretative possibilities associated with the situations co-occurring in *when*-clauses.

Keywords: Semantics, Aspect, Rhetorical Relations, *When*-Clauses, Temporal Ordering
Palavras-chave: Semântica, Aspecto, Relações Retóricas, Frases com *Quando*, Ordenação Temporal

1. Apresentação do problema

Em Português Europeu, as orações introduzidas por *quando* são tradicionalmente designadas como temporais, dado que relacionam o intervalo de tempo da situação que descrevem com o intervalo da eventualidade da oração principal. Contudo, não determinam *a priori* uma ordenação temporal específica. Por isso, as situações representadas podem estabelecer entre si diferentes relações temporais (cf. Moens & Steedman, 1988). A segunda situação pode ocorrer num intervalo de tempo posterior (cf. (1)), sobreposto (cf. (2)) ou anterior (cf. (3)) ao da primeira.

- (1) Quando a campanha tocou, os alunos entraram.
- (2) Quando a Maria viveu em Londres, visitou muitos museus.
- (3) Quando o João comprou uma casa, pediu um crédito à habitação.

¹ Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

² Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

³ Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003.

O facto de a conjunção *quando* não determinar uma ordenação temporal específica no contexto de situações representadas no Pretérito Perfeito, como acontece com outras conjunções como *porque*, por exemplo (cf. (4)), conduz a duas análises diferentes: *quando* pode ser encarado como ambíguo (Moens & Steedman, 1988) ou como relativamente neutro (Cunha, 2000).

(4) O João saiu porque a Maria o convidou. ($e_2 < e_1$)

Como (4) parece comprovar, a conjunção *porque* veicula a informação de que as duas situações estabelecem entre si uma relação causal. Deste modo, a situação na oração subordinada representa a causa da eventualidade que surge na principal. Esta relação causal, por defeito, traduz-se, em termos temporais, numa relação de anterioridade da eventualidade da segunda oração face à da primeira. Em contrapartida, *quando* não veicula, por princípio, qualquer informação deste tipo. Na verdade, uma observação atenta dos dados permite concluir que as situações representadas estabelecem entre si diversas relações de sentido às quais estão associadas diferentes estratégias de ordenação temporal (cf. (5)-(9)).

- (5) Quando o João se levantou, tomou o pequeno-almoço.
- (6) Quando o telefone tocou, a Maria estava no jardim.
- (7) Quando o João caiu, escorregou numa casca de banana.
- (8) Quando o João escorregou numa casca de banana, caiu.
- (9) Quando a Maria fez o bolo, bateu ovos com açúcar e farinha.

Coloca-se, portanto, a questão de justificar a possibilidade de as situações em frases com *quando* estabelecerem entre si diferentes relações temporais, apesar de todas, à excepção da situação “a Maria estar no jardim”, que surge no Pretérito Imperfeito, se encontrarem representadas no mesmo tempo gramatical, o Pretérito Perfeito.

2. Uma proposta de análise com base nas relações retóricas

Numa tentativa de justificar a existência de diversos tipos de ordenação temporal entre as situações no Pretérito Perfeito representadas em frases complexas com *quando*, Silvano (2007; 2008) defende que a possibilidade de as eventualidades neste tipo de construções se correlacionarem de modo diverso resulta da presença de diferentes relações retóricas ou discursivas. Seguindo o enquadramento teórico da *Segmented Discourse Representation Theory* (SDRT), de Asher & Lascarides (2003), as relações retóricas ou discursivas são entendidas, neste e naqueles trabalhos, como relações que estabelecem ligações entre os significados das frases.

Dada a diversidade de sentidos, a lista das relações retóricas apresentada por Asher & Lascarides (2003) é de natureza aberta, não integrando todas as possibilidades. No entanto, no que diz respeito ao objecto do presente estudo, é possível discriminar um conjunto de relações retóricas tendo como critério a sua frequência. Este conjunto é identificado e caracterizado no quadro I.

Relações Retóricas	Semântica	Consequências Temporais
Narração	As situações ocorrem na sequência em que são descritas.	$e_{\alpha} < e_{\beta}$
Enquadramento	Uma situação constitui-se como o meio envolvente no qual ocorre a outra situação.	$e_{\beta} \supset e_{\alpha}$
Explicação	A segunda situação descreve a causa subjacente à ocorrência da primeira situação.	$e_{\beta} < e_{\alpha}$
Resultado	A segunda situação descreve o efeito da ocorrência da primeira situação.	$e_{\alpha} < e_{\beta}$
Elaboração	A segunda situação constitui-se como uma subsituação da primeira situação.	$e_{\beta} \subset e_{\alpha}$

Quadro I – Relações retóricas mais frequentes em frases complexas com *quando*

Estas relações retóricas são ilustradas pelo grupo de exemplos de (5) a (9). Em (5), as duas situações encontram-se ligadas por uma relação de Narração, dado que ocorrem temporalmente na ordem em que são descritas, ou seja, primeiro o João levanta-se e depois vai tomar o pequeno-almoço. No exemplo (6), a segunda situação serve como cenário ou enquadramento para a ocorrência da primeira eventualidade. Consequentemente, o estado “a Maria estar no jardim” sobrepõe-se parcialmente ao evento “o telefone tocar”. Portanto, estabelece-se entre as duas situações uma relação de Enquadramento. Já em (7), a segunda situação, isto é “escorregar numa casca de banana”, apresenta a causa da queda do João, o que significa que ela decorre tipicamente num intervalo de tempo anterior ao de “o João cair”. A relação retórica que une estas duas situações é a de Explicação. O exemplo (8) ilustra a relação retórica que é dual da Explicação, a de Resultado. Neste caso, a segunda situação, isto é “o João cair”, descreve o efeito de “o João escorregar numa casca de banana”, pelo que decorre num intervalo de tempo posterior ao da primeira situação representada. A última relação de entre as mais frequentes nas frases com *quando* é a de Elaboração, exemplificada em (9). Nesta frase, a segunda eventualidade constitui-se como uma subsituação da primeira, o que significa que, em termos temporais, “bater ovos com açúcar e farinha” se encontra integralmente incluído em “a Maria fazer o bolo”⁴.

⁴ Sublinhe-se que, embora possam veicular relações temporais aproximadas, as relações retóricas de Enquadramento e de Elaboração diferem substancialmente uma da outra, na medida em que, no primeiro caso, apenas é requerido algum tipo de sobreposição (total ou parcial) entre as situações que, no entanto, não

O recurso ao dispositivo teórico das relações retóricas para analisar as frases complexas com *quando* permite não só explicar as diferentes relações temporais⁵ que as caracterizam, como também conduz a um tratamento semântico unificado deste tipo de configurações, que tem em consideração a interação de diversos factores essenciais para a sua computação.

De facto, os procedimentos de análise de frases no enquadramento teórico das relações retóricas ou discursivas incluem a consideração de variadas fontes de informação, como a semântica composicional, o léxico e o nosso conhecimento do mundo. Estas fontes fornecem pistas para a inferência de relações retóricas. Contudo, o papel que as referidas fontes de informação desempenham no processo de inferência das relações retóricas não é o mesmo para todas elas. É precisamente sobre estas diferenças que nos vamos debruçar na próxima secção.

3. Relações extrínsecas vs relações intrínsecas

Durante o processo de inferência das relações retóricas em frases com *quando*, verifica-se a interação de diferentes fontes que fornecem pistas de natureza variada. Como já demonstrámos, a conjunção *quando* não funciona como palavra-pista ou como marcador de uma determinada relação retórica, contrariamente ao que acontece com outras conjunções. Por isso, é necessário recorrer a outras pistas. Vejamos quais, analisando relação a relação.

No exemplo (5), as duas situações – “o João levantar-se” e “tomar o pequeno-almoço” – não apresentam por si mesmas uma relação de interdependência semântica. Essa relação de dependência é obtida principalmente através da sua combinação numa determinada organização temporal, embora também intervenham neste processo as pistas dadas pela interação entre o léxico, a semântica composicional e o nosso conhecimento do mundo. O mesmo parece verificar-se com a relação de Enquadramento em (6): a inferência da relação é feita basicamente a partir da informação temporal, sendo a influência das restantes pistas bem menos marcante. As duas situações – “o telefone tocar” e “a Maria estar no jardim” – não têm, à partida, uma relação de interdependência semântica.

Porém, nos exemplos seguintes (cf. (7)-(9)), o vínculo existente entre as situações caracteriza-se por um maior grau de interdependência semântica. Cada par de situações – “o João cair”, “o João escorregar numa casca de banana”; “o João escorregar numa casca de banana”, “o João cair”; “a Maria bater ovos com açúcar e farinha”, “a Maria fazer o bolo” – tem à partida um elo de ligação semântica mais forte do que aquele que se verifica nos exemplos (5) e (6). Na verdade, na inferência das relações retóricas de Explicação, de

têm entre si uma dependência semântica forte, ao passo que, no segundo, é obrigatória uma relação mereológica do tipo parte-todo entre as eventualidades descritas, o que conduz invariavelmente a uma relação de inclusão (cf. “...Elaboration implies that the main eventualities of its second argument are a mereological part of the main eventuality of its first argument...” (Asher & Lascarides, 2003: p. 161). Assim, a eventualidade “[a Maria] bater ovos com açúcar e farinha”, no exemplo (9), não só está incluída no estado de coisas descrito por “fazer o bolo” como também se constitui como uma subsituação deste, i.e., “bater ovos com açúcar e farinha” está incluído na estruturação física global associada a “fazer o bolo”.

⁵ Taboada & Mann (2006) consideram que um dos desenvolvimentos maiores da SDRT se relaciona com a forma como as relações retóricas explicam fenómenos linguísticos como, por exemplo, o Tempo.

Resultado e de Elaboração, que ligam as situações presentes de (7) a (9), as pistas dadas pela interação da semântica composicional, do léxico e do nosso conhecimento do mundo têm uma maior relevância. É esta interação que vai ser, em última instância, responsável por uma determinada organização temporal.

O maior ou menor grau de interdependência semântica que distingue estes dois grupos de relações retóricas permite explicar o facto de, no caso da Narração e do Enquadramento, se manterem as mesmas relações retóricas quando invertemos a ordem das situações e de, no caso da Explicação, do Resultado e da Elaboração, o mesmo não se verificar (cf. (10)-(14)).

- (10) Quando o João tomou o pequeno-almoço, levantou-se⁶. (Narração → Narração)
- (11) Quando a Maria estava no jardim, o telefone tocou. (Enquadramento → Enquadramento)
- (12) Quando o João escorregou numa casca de banana, caiu. (Explicação → Resultado)
- (13) Quando o João caiu, escorregou numa casca de banana. (Resultado → Explicação)
- (14) Quando bateu ovos com açúcar e farinha, a Maria fez o bolo. (Elaboração → Resultado)

A existência de características diferentes no que diz respeito ao grau de interdependência semântica motiva a nossa proposta de divisão das relações retóricas em apreço em dois grupos: relações retóricas extrínsecas e relações retóricas intrínsecas. No primeiro grupo, que integra as relações retóricas de Narração e de Enquadramento, a ligação discursiva surge por defeito, estabelecendo-se ao nível da estrutura externa das predicções e, no segundo grupo, do qual fazem parte as relações retóricas de Explicação, de Resultado e de Elaboração, a conexão retórica entre as situações é determinada por fortes elos semânticos, surgindo ao nível da estrutura interna das predicções.

Os traços distintivos destes dois grupos de relações retóricas revelam-se ao nível da sua computação: enquanto a inferência das relações retóricas extrínsecas é feita a partir essencialmente da organização temporal das situações envolvidas, sendo dada menor relevância às restantes pistas, a das relações retóricas intrínsecas resulta da interação da semântica composicional, do léxico e do conhecimento do mundo, que, por sua vez, vai ditar uma determinada ordenação temporal.

Perante esta análise, e, dado que, por um lado, as eventualidades, nas frases com *quando*, estabelecem entre si diferentes relações temporais e que, por outro, a conjunção não fornece quaisquer indicações sobre a sua ordenação, importa investigar quais os factores linguísticos que estão subjacentes à organização temporal das situações em questão. Em particular, veremos que o Aspecto desempenha um papel fundamental no que diz respeito à identificação das relações retóricas.

⁶ De notar que, embora a relação retórica seja a mesma, a de Narração, a inversão das situações determina alterações semânticas. Neste exemplo, os falantes interpretam a situação levantar-se, não da cama como em (5), mas da mesa.

4. O papel do Aspecto nas relações retóricas

4.1. Relações retóricas extrínsecas

Tendo em vista que, como já referimos atrás, *quando* se comporta como um localizador temporal relativamente “neutro”, na medida em que, por si só, não impõe restrições quanto à ordenação das situações nas frases em que comparece (cf. Cunha, 2000; Silvano, 2007; 2008), defenderemos a ideia de que a classe aspectual das predicções envolvidas desempenha um papel fundamental para a identificação das diferentes relações retóricas que se estabelecem entre as eventualidades em questão.

Quando estão em causa culminações ou processos culminados, observamos que, tipicamente, a situação representada na oração introduzida por *quando* precede a que ocorre na principal, estabelecendo-se entre elas uma relação de Narração, como os exemplos que se seguem ilustram:

(15) Quando a Maria acordou, o João entrou no quarto. ($e_1 < e_2$)

(16) Quando o João entrou no quarto, a Maria acordou. ($e_1 < e_2$)

(17) Quando o João cortou o bolo, a Ana deu-lhe um presente. ($e_1 < e_2$)

É interessante observar que a relação temporal entre as situações em (15) e (16) se inverte pelo simples facto de ser uma ou outra a comparecer na oração introduzida por *quando*: assim, em (15) o acordar da Maria antecede a entrada do João no quarto, enquanto em (16) é a entrada do João que precede o acordar da Maria. Em qualquer dos casos estamos, naturalmente, perante uma relação retórica de Narração.

Dado que *quando* não dá indicações quanto ao tipo de ordenação temporal que se estabelece entre as eventualidades descritas, vai ser o seu perfil aspectual que determina a relação de sucessividade observada. Assim, e seguindo propostas como as de Kamp & Reyle (1993), assumiremos que os eventos se encontram incluídos no respectivo intervalo de localização (‘location time’). Ora, tendo em conta que a predicção na oração introduzida por *quando* fornece, tipicamente, o tempo de referência para a da principal e que ambos os eventos se encontram incluídos nos respectivos intervalos de localização, apenas uma leitura de sucessividade, que configura a relação retórica de Narração, estará disponível nestes casos.

Para confirmar a relevância do perfil aspectual das eventualidades envolvidas neste tipo de construções, observem-se exemplos em que se combinam estados com eventos.

(18) Quando era pequeno, o Rui visitou o jardim zoológico.

(19) Quando estava grávida, a Maria mudou de casa.

(20) Quando o Mário a conheceu, a Joana era professora em Braga.

(21) Quando cheguei ao Porto, estava frio.

Independentemente de o evento surgir na subordinada ou na principal, encontra-se tipicamente incluído no intervalo de tempo ocupado pelo estativo com que co-ocorre. Este facto poderá ser facilmente explicado se tivermos em conta que os estados – sobretudo perspectivados no Imperfeito – se sobrepõem ao respectivo tempo de referência, podendo iniciar-se antes e prolongar-se para além deste, ao passo que os eventos, sendo situações

bem delimitadas, se encontram forçosamente incluídos no intervalo que os acompanha. Nesse sentido, os eventos acabam por ser interpretados como estando incluídos nos intervalos ocupados pelos estados com que se combinam, estabelecendo-se uma relação retórica de Enquadramento.

Como (22) e (23) ilustram, é igualmente possível encontrar estados no Pretérito Perfeito que mantêm com os eventos representados na oração principal uma relação de Enquadramento, embora, nestes casos, as restrições sejam muito mais significativas, em particular porque nem todos os tipos de estativos suportam facilmente a terminatividade imposta pelo tempo gramatical em questão (cf. (24)).

(22) Quando foi presidente da câmara, Rui Rio privatizou o Bolhão.

(23) Quando a Maria esteve doente, o João visitou-a.

(24) * Quando foi alto, o João inscreveu-se numa equipa de basquetebol.

Assim, quando se observa um conflito entre uma classe aspectual – a dos estativos – que se caracteriza pela não delimitação temporal e um tempo gramatical – o Pretérito Perfeito – que impõe terminatividade às situações com que se combina, as possibilidades interpretativas observadas parecem favorecer a ideia de que os factores aspectuais continuam a desempenhar um papel determinante. Na realidade, subsiste, em alguns casos (cf. (22)-(23)) a possibilidade de sobreposição parcial ou de inclusão do evento localizado no intervalo de tempo da situação localizadora, obtendo-se assim a relação retórica de Enquadramento que, como temos vindo a verificar, é predominante quando co-ocorrem eventos e estativos; noutros, porém (cf. (24)), a anomalia das configurações é evidente, fruto, muito provavelmente, da incompatibilidade semântica entre a não delimitação associada a certos estados e a imposição de um limite temporal final requerida pelo Pretérito Perfeito. Dado que a caracterização temporal dos estativos se constitui como um problema de grande complexidade, que, naturalmente, se encontra fora do âmbito do presente artigo, não poderemos explicitar aqui quais as circunstâncias precisas em que os estados podem ou não ser combinados com o tempo gramatical sob análise, deixando esta tarefa em aberto para trabalhos futuros.

Sublinhe-se que nem todos os estados combinados com eventos dão origem a uma relação de Enquadramento. Se a situação que estabelece o intervalo de referência para a localização for de natureza eventiva, certos estados faseáveis (cf. Cunha, 2004), desde que previamente convertidos em processos, podem dar origem a uma leitura de sucessividade, obtendo-se assim uma relação retórica de Narração, como os exemplos em (25) e (26) parecem comprovar:

(25) Quando o João ligou para as Finanças, a telefonista foi muito simpática.

(26) Quando se assustou, o meu cão foi agressivo.

A enorme relevância que as propriedades aspectuais assumem no que respeita à determinação das relações retóricas extrínsecas pode ser comprovada pela variabilidade de leituras que emergem no caso de um processo ocorrer sob o escopo de *quando*. Atenemos na seguinte frase:

(27) Quando a mãe tocou piano, o bebé adormeceu.

Tendo em conta que a situação descrita em “a mãe tocar piano” é um evento e que o Pretérito Perfeito lhe confere terminatividade, a leitura de sucessividade, que remete para a relação retórica de Narração, está, naturalmente, disponível. Neste caso, o bebé adormece num intervalo de tempo posterior àquele em que a mãe tocou piano.

No entanto, as propriedades aspectuais que caracterizam os processos permitem outras possibilidades interpretativas. Assim, uma leitura de cariz incoativo parece estar disponível em frases como estas: tendo em conta que os processos não contemplam na sua estrutura um ponto terminal intrínseco, o Pretérito Perfeito poder-se-á aplicar, sem problemas, a uma porção inicial da sua ocorrência. Nessas circunstâncias, teremos uma leitura de natureza incoativa, em que o bebé adormece após o início do processo de a mãe tocar piano. A relação retórica de Narração afigura-se, uma vez mais, perfeitamente adequada para a descrição deste tipo de ordenação temporal, dado que estamos perante um caso de operação aspectual em que o processo foi convertido num evento pontual.

Finalmente, uma frase como (27) pode receber uma terceira interpretação, a saber, aquela em que o bebé adormece no interior do intervalo em que a mãe toca piano. Ora, se considerarmos que os processos são situações durativas e (relativamente) homogéneas, teremos uma pista para a resolução do problema: tal como os estativos, certos processos admitem que um evento não durativo ocorra no interior do seu tempo de referência, dando origem a uma leitura de inclusão. Nestes casos, a relação retórica de Enquadramento parece poder ser viabilizada.

Em suma, ao condicionarem decisivamente a ordenação temporal entre as situações descritas, as divergências ao nível aspectual desempenham um papel crucial para a determinação das relações retóricas extrínsecas nas frases com *quando*.

4.2. Relações retóricas intrínsecas

Ao contrário do que sucede com a Narração ou com o Enquadramento, relações retóricas intrínsecas, como o Resultado, a Explicação ou a Elaboração são condicionadas, para além dos factores eminentemente temporais, pelo estabelecimento de uma interdependência semântica muito estreita entre as situações envolvidas, resultado de uma complexa interacção entre o léxico, a semântica composicional e o nosso conhecimento do mundo. Isto significa que, como veremos, as relações em questão se revelam muito mais restritivas quanto à selecção das eventualidades que as configuram.

Nesse sentido, a relação retórica de Resultado, para além do requisito de precedência temporal de e_1 face a e_2 , obriga igualmente a que a primeira situação se constitua como causa para a segunda, como sucede no exemplo em (28):

(28) Quando tropeçou no tapete, o João caiu nas escadas.

A relação retórica de Explicação partilha com a de Resultado a obrigatoriedade do estabelecimento de um nexos causal entre as eventualidades envolvidas; no entanto, neste último caso, e_2 precede e_1 . Uma tal ordenação temporal torna possível evidenciar o papel

crucial que a noção de causalidade desempenha na relação discursiva em apreço. Comparem-se (29) e (30):

(29) Quando caiu nas escadas, o João tropeçou no tapete. ($e_2 < e_1$ ou $e_1 < e_2$)

(30) Quando o João caiu nas escadas, a Maria entrou em casa. ($e_1 < e_2$)

Tratando-se de uma relação discursiva não marcada, a Narração constitui-se como a única possibilidade para a interpretação de frases como (30), em que nenhum tipo de causalidade parece ligar as situações envolvidas. Como tal, somente a ordenação temporal em que e_1 precede e_2 será viabilizada. Já frases como as de (29), em que podemos conceber a eventualidade descrita em e_2 como causa daquela representada em e_1 , suportam uma relação de Explicação, representada na ordenação temporal $e_2 < e_1$. Este facto, todavia, não inviabiliza totalmente, pelo menos para certos falantes e dadas as circunstâncias apropriadas, a manutenção da possibilidade de uma segunda interpretação em que emerge a relação de Narração (i.e., $e_1 < e_2$).

Uma outra relação retórica que supõe uma interdependência semântica evidente entre as predicções que a configuram é a de Elaboração. Neste caso, a eventualidade da oração principal assume-se como um subevento ou como uma parte constitutiva da situação representada na oração introduzida por *quando*, mantendo com ela uma relação de inclusão (cf. (31)).

(31) Quando fez o bolo de aniversário, a Maria bateu ovos com açúcar e farinha.

Mais uma vez, se a segunda eventualidade não reunir os requisitos semânticos necessários para se constituir como um subevento da primeira, este tipo de relação discursiva não é viabilizado, sendo unicamente possível estabelecer-se a relação não marcada de Narração, em que e_1 precede e_2 (cf. (32)):

(32) Quando fez o bolo de aniversário, a Maria enfeitou a mesa.

Finalmente, atente-se em frases como (33) e (34):

(33) Quando comprou a casa nova, o João pediu um empréstimo à habitação.

(34) Quando viajou para Madrid, a Maria comprou os bilhetes pela Internet.

Nas suas leituras mais naturais, estas frases envolvem a ordenação temporal $e_2 < e_1$: assim, em (33), o pedido do empréstimo antecede a compra da casa pelo João e, em (34), a compra dos bilhetes precede a viagem da Maria. Se a estruturação temporal que lhes está subjacente aproxima estes enunciados dos exemplos em que se observa uma relação retórica de Explicação, não podemos, no entanto, assumir que uma tal relação os descreve adequadamente, na medida em que, no presente caso, não parece estabelecer-se uma ligação de causalidade estrita entre as duas eventualidades.

Por outro lado, continua a existir uma interdependência íntima entre certas propriedades semânticas que caracterizam as situações envolvidas; no caso em que ela não

se verifica, obtemos uma interpretação não marcada de Narração, em que e_1 precede e_2 , como os exemplos em (35) e (36) nos confirmam:

- (35) Quando comprou a casa nova, o João pediu a Maria em casamento.
 (36) Quando viajou para Madrid, a Maria conheceu o Pedro.⁷

Se, como parece ser o caso em (33) e (34), assumirmos que a eventualidade na segunda oração descreve condições necessárias para a realização da situação descrita na oração introduzida por *quando* – i.e., foi condição necessária para o João comprar a casa nova ter previamente pedido um empréstimo à habitação e foi condição necessária para a Maria viajar ter comprado os bilhetes pela internet –, parece-nos desejável postular para estes casos um novo tipo de relação retórica, a que, provisoriamente, daremos o nome de relação de Condição Necessária.

Visto que, como temos vindo a defender ao longo da presente subsecção, todas as relações retóricas intrínsecas impõem uma estreita interdependência semântica entre as situações que as configuram, divergindo, neste ponto, das relações extrínsecas, importa agora questionar qual o papel que os factores aspectuais desempenham na sua interpretação.

Tomando como ponto de partida propostas como as avançadas por Moens & Steedman (1988) e por Carecho (1996), defenderemos a ideia de que a interdependência semântica entre as situações envolvidas neste tipo de relações retóricas se reflecte ao nível do Núcleo Aspectual.

Assim, a eventualidade que ocorre na oração introduzida por *quando* localizaria a situação da oração principal em diferentes fases do seu Núcleo Aspectual, dependendo do tipo de relação retórica intrínseca estabelecida. No caso do Resultado, e_2 , a situação localizada, seria projectada no Estado Consequente de e_1 , a eventualidade localizadora; no caso da Elaboração, e_2 estaria incluída no Processo Preparatório de e_1 , constituindo uma das suas subfases; finalmente, no caso da relação de Condição Necessária (e, muito provavelmente, também no da relação de Explicação) e_2 estaria localizada numa fase pré-preparatória de e_1 ⁸.

Esta estratégia de análise permitiria explicar, em primeiro lugar, as divergências em termos de ordenação temporal que acompanham as relações retóricas intrínsecas, na medida em que, em última instância, tais diferenças em termos de organização temporal acabariam por se constituir como o reflexo das diversas possibilidades de ocorrência das situações no interior da estrutura do Núcleo Aspectual da eventualidade localizadora.

Em segundo lugar, ao postular a existência de uma interligação entre a estrutura física de eventualidades interdependentes, este tipo de tratamento torna bem explícito o carácter intrínseco que atribuímos às relações retóricas marcadas. Na realidade, nestes casos obser-

⁷ Na medida em que integra um processo na primeira situação, é possível encontrar diferentes leituras para esta frase, na linha do que expusemos no final da secção 4.1..

⁸ Sublinhe-se que a postulação de uma fase pré-preparatória associada ao Núcleo Aspectual não decorre apenas das soluções propostas neste trabalho; ela foi independentemente defendida em Cunha (1998) para a descrição adequada do funcionamento de certos operadores aspectuais – em particular no que diz respeito ao “input” de *começar a* e ao “output” de *estar para* –, pelo que parece existir motivação suficiente que suporta a operacionalidade efectiva deste conceito.

vamos uma clara interdependência semântica entre as situações envolvidas como resultado da partilha de um mesmo Núcleo Aspectual, o que contrastaria com o que se passa nas relações não marcadas ou extrínsecas, em que são apenas os intervalos de tempo, e não a constituição interna das situações, que configuram as diferentes relações discursivas.

5. Conclusões

As eventualidades representadas nas frases com *quando* encontram-se envolvidas numa grande diversidade de relações discursivas; concomitantemente, estabelecem entre si diferentes tipos de relações temporais. Um tal comportamento deve-se ao facto de a conjunção em apreço não se constituir, por um lado, como uma palavra-pista para qualquer relação retórica específica e, por outro, de se comportar como um localizador temporal relativamente “neutro”, i.e., não impor uma ordenação pré-determinada para as predicções com que se combina.

Nesse sentido, procurámos, ao longo do presente trabalho, identificar as principais relações retóricas que surgem neste tipo de construções, investigando quais os factores linguísticos mais relevantes que as configuram. Para tal, estabelecemos uma primeira distinção fundamental entre relações retóricas extrínsecas – aquelas que se aplicam por defeito e que resultam principalmente das relações temporais que se observam entre as situações, tendo as outras pistas uma relevância menor – e as relações retóricas intrínsecas – aquelas que, dada a informação disponibilizada pelo léxico, pela semântica composicional e pelo nosso conhecimento do mundo, implicam uma interdependência semântica mais profunda entre as eventualidades envolvidas.

A análise das construções envolvendo orações temporais introduzidas por *quando* demonstrou que o Aspecto desempenha um papel crucial no que respeita à inferência das diversas relações discursivas identificadas.

Tendo em conta que as relações retóricas extrínsecas se baseiam essencialmente na organização temporal das situações, dado que a interacção de pistas como o léxico, a semântica composicional e o conhecimento do mundo parece não desempenhar aqui um papel tão relevante, e que as frases com *quando* não nos dão indicações precisas a esse nível, constatámos que é a classe aspectual das eventualidades envolvidas que, em última instância, nos fornece indicações para a sua identificação. Assim, quando nos encontramos perante dois eventos que, em si mesmos, não estabelecem, à partida, uma forte interdependência semântica, impõe-se uma relação temporal de sucessividade, típica da Narração; quando se combinam um evento e um estado, verifica-se uma relação de sobreposição parcial, típica do Enquadramento.

O Aspecto parece desempenhar também um papel fundamental na inferência das relações retóricas intrínsecas: partindo da hipótese de que a interdependência semântica que se verifica entre as eventualidades neste tipo de relações discursivas se reflecte na partilha de um mesmo Núcleo Aspectual comum, defendemos a ideia de que a situação localizada pode ocorrer em diferentes fases do Núcleo da situação localizadora, correspondendo a diversos tipos de relações retóricas intrínsecas. Assim, no Resultado, a situação localizada ocupa o Estado Consequente da localizadora; na Elaboração, surge associada ao seu Processo Preparatório; e, finalmente, na relação retórica de Condição Necessária – e possivelmente também na de Explicação –, comparece integrada numa fase pré-preparatória.

Referências

- Asher, Nicholas & Alex Lascarides (2003) *Logics of Conversation*. United States: Cambridge University Press.
- Carecho, Judite (1996) Sobre a Semântica das Construções com *Quando*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Cunha, Luís Filipe (1998) Os Operadores Aspectuais do Português: Contribuição para uma Nova Abordagem. *Cadernos de Linguística 1*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Cunha, Luís Filipe (2000) Valores Temporais das Orações com *Quando*. *Cadernos de Linguística 8*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Cunha, Luís Filipe (2004) *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto. Publicado (2007), Munique: Lincom GmbH.
- Cunha, Luís Filipe, António Leal & Purificação Silvano (2007) Relações Retóricas e Temporais em Construções Gerundivas Adverbiais. In *O Fascínio da Linguagem, Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (no prelo).
- Declerck, Renaat (1997) *When-Clauses and Temporal Structure*. London and New York: Routledge.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Moens, M. & M. Steedman (1988) Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics* 14 (2), pp. 15-28.
- Oliveira, Fátima (1994) Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português. *Actas do Encontro Internacional sobre o Português*. Vol. II. Lisboa: APL/Colibri, pp. 151-190.
- Oliveira, Fátima & Ana Cristina Macário Lopes (1995) Tense and Aspect in Portuguese. In R. Thieroff (ed.) *Tense Systems in European Languages II*. Tübinga: Max Niemeyer Verlag, pp. 95-115.
- Oliveira, Fátima, Luís Filipe Cunha & Anabela Gonçalves (2004) Aspectual Verbs in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 3 (1), pp. 141-173.
- Silvano, Purificação (2007) Semantic Analysis of temporal *when*-clauses in European Portuguese. *Actas (CD) da Conferência Internacional Lingüística 2007*. Havana: Instituto de Literatura y Lingüística José Antonio Portuondo Valdor.
- Silvano, Purificação (2008) The rhetorical mechanisms in complex sentences with *when*-clauses in European Portuguese. Comunicação apresentada em *Conference Discourse and Grammar. Illocutionary force: information structure and subordination between discourse and grammar*. Universidade de Ghent (Bélgica) (em avaliação).
- Taboada, M. & William C. Mann (2006) Rhetorical Structure Theory: Looking Back and Moving Ahead. *Discourse Studies* 8 (3), pp. 423-459.